

Análise da Afetividade em Mulheres em Situação de rua na Cidade de São Paulo

Lívia Maria Camilo dos Santos¹

Resumo

O artigo se propõe a apresentar parte de pesquisa de doutorado realizada em São Paulo com mulheres que partilham da experiência de viver em situação de rua, em Centros de Acolhida ou em ocupações. O envolvimento com essas mulheres aconteceu por meio de territórios diferentes, mas com uma circunstância comum que é ter a rua como lugar de moradia. Desse modo, o compartilhamento de experiências ocorreu por meio de trabalho junto ao Cisarte; à ocupação Tia Estela, e ao coletivo SP Invisível. A pesquisa de campo teve como inspiração uma metodologia etnográfica, respaldando-se em princípios metodológicos que fluíram durante o pesquisar que são: a escuta ético-política; as virtudes da cautela e a identificação de campos de sensibilidade para os afetos alegres. Orientada pela psicologia sócio histórica e pela filosofia spinozista, constatou-se a presença de alegrias poderosas que direcionam o olhar não somente para o fatalismo e escassez de recursos; mas também para a potência que habita os corpos femininos na manutenção diária de suas vidas neste contexto.

Palavras-chave: Afeto; Gênero; Desigualdade social; Psicologia sócio histórica.

Abstract

The article proposes to present part of a doctoral research carried out in São Paulo with women who share the experience of living on the streets, in Shelter Centers or in occupations. The involvement with these women happened through different territories, but with a common circumstance that is having the street as a place of residence. Thus, the sharing of experiences took place through work with Cisarte; to the occupation Tia Estela, and to the collective SP Invisível. The field research was inspired by an ethnographic methodology, supported by methodological principles that flowed during the research, which are: ethical-political listening; the virtues of caution and the identification of fields of sensitivity for joyful affections. Guided by socio-historical psychology and Spinozist philosophy, the presence of powerful joys was found that direct the gaze not only to fatalism and scarcity of resources; but also for the power that inhabits female bodies in the daily maintenance of their lives in this context. Keywords: Affection; Genre; Social inequality; Socio-historical psychology.

Keywords: Affection; Genre; Social inequality; Socio-historical psychology.

Introdução

O presente texto² é parte de tese de doutorado realizada com mulheres em situação de rua na cidade de São Paulo. A frase que dá título à introdução é de uma das mulheres com a qual foi oportunizada a convivência durante o processo de pesquisa. Ressalta-se que o trabalho com pessoas em situação de rua é, acima de tudo, uma denúncia. Contra o Estado no qual vivemos em nosso país desde sua invasão com a chegada das caravelas portuguesas em solo brasileiro, extirpando os povos originários de suas terras. É também um apelo para que voltemos o olhar com atenção aos lugares de privilégio que ocupamos diária e historicamente. Para que

¹Professora no curso de Psicologia da Universidade Paulista (UNIP). Doutora em Psicologia Social pela Pontifícia Universidade Católica (PUC) de São Paulo com período sanduíche na Universidade de Lisboa (2018-2019). Mestra em Psicologia Social pela PUC SP (2015). Pós-graduação lato sensu em Psicologia e Ação Social pela Faculdade São Bento da Bahia (2013). Participou do Grupo de Estudos Espinosanos da Universidade de São Paulo (2016). E-mail: limac62@hotmail.com.

² O texto está escrito, ora na primeira pessoa do singular e ora na primeira pessoa do plural. As experiências de campo estão no singular, e as suas análises, construídas com a orientadora da tese, estão no plural.

vejamos os sem moradia como seres humanos, com forças e fraquezas e não com base em estereótipos comumente empregados (vagabundos, mendigos, drogados).

Importa esclarecer que no início da pesquisa não tinha como mote a questão de gênero. Ela foi surgindo de acordo com o pesquisar que aconteceu, principalmente por meio de três territórios diferentes, mas com uma condição comum que é a situação de rua. Foram eles: 1- O SP Invisível e as pessoas que vivem no relento. 2- A Ocupação Alcântara Machado (também conhecida como Espaço sociocultural Tia Estela) e 3- O Centro de Inclusão pela Arte Trabalho e Educação (CISARTE). Vamos, pois, aos caminhos percorridos nas ruas.

A metodologia, os encontros e os afetos da pesquisa

O SP Invisível – é um coletivo que trabalha com população em situação de rua desde o ano de 2014. Recentemente tornado ONG (2020), as ações realizadas são muitas: movem ações junto ao Ministério Público em defesa da pop rua; organizam grandes campanhas de arrecadação de doações em períodos de maior vulnerabilidade, como inverno e pandemia. Realizam eventos comemorativos como ceias de natal comunitárias, distribuição de ovos de páscoa. E, a cada dia, esse movimento cresce. Atualmente suas páginas nas redes sociais: *facebook* e *instagram* possuem mais de 390 e 150 mil seguidores, respectivamente. Além dessas ações mais pontuais, o foco do trabalho é sair às ruas, conversar com os sem moradia, fotografá-los e postar a imagem junto do texto com parte da história do entrevistado. Isso, segundo afirmam, tem como objetivo mostrar para as pessoas que estão em casa que quem está nas ruas tem sonhos, desejos, e uma história a ser contada. Caminhei durante o início do doutorado com esse grupo, mas no decorrer dos encontros, distanciei-me por motivos que considerava, à época, pouco cuidadosos com relação ao uso da imagem e das narrativas, e também devido à maneira como era realizada essa aproximação, que em alguns momentos parecia um pouco invasiva e até mesmo utilitarista. Razões pelas quais passei a percorrer o caminho da rua sozinha, buscando conversar e me envolver com as mulheres de maneira mais autônoma, onde não estávamos então envolvidas com grupos ou movimentos. Esse processo, é claro, foi um grande desafio. E foi nele que me deparei com a importância de dois princípios metodológicos orientadores do trabalho: a escuta ético-política e as virtudes da cautela.

Virtudes da cautela é um termo cunhado por Hillmann (2012) e se refere, sobretudo, a uma precaução no pesquisar, com base numa escuta e num olhar cuidadosos, uma vez que “(...) a intervenção nos modos do mundo, apesar das ilusões que a bondade heroica coloca em suas ambições, sempre atrai uma sombra [...] Pese as consequências do que pode estar no lado obscuro de sua ânsia em ajudar. (HILMANN, 2012, p.90) Essa premissa sugere que, apesar da

fantasia das boas ações, entendidas como benevolência a favor dos pobres, é preciso observar antes de agir, e ajudar sem atrapalhar. Quem me ensinou esse princípio, no entanto, não foi o autor, mas a rua. Quando, do início dessa investigação mais independente, chegando à Praça da Sé, me aproximei de algumas mulheres e perguntei a uma delas: “Como é ser mulher em situação de rua?”– Vem aqui que você vai saber, foi a resposta. Esse momento foi crucial para compreender que o zelo ético e a cautela são virtudes supremas quando se trabalha com esse lugar. E, principalmente, o que não fazer, como sugere o autor:

[...] o espírito acautelador nunca diz a alguém o que fazer, só o que não fazer; ele age unicamente como cautelar. Ele fala de uma maneira peculiar: não estatística e nem cientificamente, mas como anedota ou superstição, sintomaticamente com augúrios, pistas e sussurros; até mesmo através de eventos corporais como espirros, bocejos e soluços. (HILMANN, 2012, p.91).

Essa relação direta com as mulheres nas calçadas, profundamente influenciada pela cautela e pela escuta ético-política, trouxe momentos de rica experiência. Onde foi possível entender que a vaidade estética está presentes entre elas. Situações que desconstruíram ideias pré-concebidas da situação de rua como uma luta somente para sair da precariedade e escassez de recursos materiais. Pelo contrário, na rua as mulheres clamam por uma estética sua, específica, como qualquer outra, em outra classe social. Ela decide, por exemplo, não pegar uma roupa para doação porque não achou bonita. Porque não cairia bem em seu corpo. Ou quando arrumam e decoram seus barracos, debaixo de viadutos, com um cuidado que enche os olhos. É com essa reivindicação pelo belo que ela rompe o fio cotidiano de sua presença somente pela via do sofrimento e da miséria. Pois “Uma resposta estética é uma ação política.” (HILMANN, 2012, p.93).

Outro princípio que orientou esse trabalho foi a escuta ético-política (MARTINS, 2016), que se refere ao reconhecimento do sujeito para além de um processo de marginalização e precariedade. Pauta-se com base em uma prática cotidiana, na qual o afeto é trazido para o centro do palco das relações entre os sujeitos da pesquisa, de modo que seja então possível trabalhar com o sofrimento ético-político provocado pela situação de rua. Certifico que sofrimento ético-político é uma categoria proposta por Sawaia (2001, p.104) e que “revela a tonalidade ética da vivência cotidiana da desigualdade social”. Mostrando-nos que as contradições sociais se atualizam no corpo do sujeito que as vive. Importa sinalizar que a autora está profundamente fundamentada nos pressupostos da psicologia sócio-histórica de Vigotski na criação de categoria tão necessária à psicologia. E, ainda, que Vigotski foi um grande leitor e admirador de Espinosa, filósofo holandês seiscentista que o inspirou. Sobretudo, na

elaboração de suas pesquisas a respeito dos afetos, como nos revela o grande entusiasmo com o qual fala a respeito da filosofia espinosana:

[...] creemos que la teoría spinoziana de las pasiones puede presentar para la psicología contemporánea un verdadero interés histórico, no en el sentido de la elucidación del pasado histórico de nuestra ciencia, sino en el sentido de un giro decisivo de toda la historia de la psicología y de su desarrollo futuro. Creemos que, una vez liberada del error, la verdad de esta doctrina superará los problemas fundamentales a los que el conocimiento de la naturaleza psicológica de las pasiones y de toda la psicología del hombre ha dado preponderancia y, sólida y afilada, los resolverá como el diamante corta el cristal. (VYGOTSKY, 2004 p. 50).

Interessa, portanto, esclarecer, ainda que de forma breve devido à natureza deste trabalho, a concepção de afeto para o filósofo que orientou Vigotski na criação de sua psicologia sócio-histórica, sobretudo no estudo das emoções. Ainda, queremos dar ênfase ao afeto de alegria de modo a sinalizar a necessidade de estarmos atentas ao jogo das contradições afetivas para não cairmos no engodo de reforçar a lógica de que à situação de pobreza resta o fatalismo e a dor.

“O sentir forte da gente, o que produz vento” – Guimarães Rosa

Durante todo o percurso deste trabalho buscou-se evitar o reducionismo de que ao pobre resta escapar à morte e sobreviver. Pois concordamos com Sawaia, (2003, p.55), que “[...] a alegria, a felicidade e a liberdade são necessidades tão fundamentais quanto aquelas, classicamente conhecidas como básicas: alimentação, abrigo e reprodução”. Não é o intuito, com isso, afirmar que as lutas por moradia e alimentação são superficiais, mas sim que para o ser humano a satisfação de necessidades biológicas é tão premente quanto a sua capacidade de afetar e ser afetado, condição mesma do existir, de acordo com a filosofia que orientou esse trabalho.

Dessa maneira, convém salientar que, em Espinosa, afeto pode ser compreendido por “afeições do corpo, pelas quais sua potência de agir é aumentada ou diminuída, estimulada ou refreada, e, ao mesmo tempo, as ideias dessas afeições.” (EIII, Def. III). Tal definição rompe com as dicotomias entre corpo e mente e razão e emoção. Ou seja, tudo aquilo que mobiliza o corpo para mais ou para menos pode ser considerado um afeto nesta perspectiva.

Corpo e mente são, pois, modos do que o filósofo bem definiu em sua obra de dois dos infinitos atributos da substância que existe necessariamente: atributos extensão e pensamento, respectivamente. Os modos, ou modificações dos atributos esforçam-se tanto quanto podem para manterem-se vivos. A essa afirmação da vida, conceitua-se o *conatus*, ou força, ou potência de perseverar na existência. E a alegria entra nesse processo como o afeto

que nos determina a agir e existir. Ou ainda, “A alegria é a passagem do homem de uma perfeição menor para uma maior” (E II, P 59, definição dos afetos 2). Cabe destacar que perfeição, para ele, é o mesmo que realidade, e mais realidade implica em mais potência de agir do corpo e de pensar da mente, em movimento de simultaneidade. Pois bem, desse processo intui-se a ontologia espinosana, segundo a qual o ser humano é determinado a buscar alegrias e evitar tristezas. Uma vez que a tristeza, ao contrário da alegria, enfraquece o corpo e deprime a mente. Na condição de “modos finitos humanos, somos determinados a buscar alegrias, porque somos determinados a agir” (PAULA, 2009, p. 15).

Porém, essa dupla afetiva convive nos corpos humanos conjuntamente. Não há ninguém que passe pela vida sem experimentar momentos em que teve seu *conatus* aumentado ou diminuído. Desse modo, há de se esclarecer que as alegrias, então, podem ser ativas ou passivas. As passivas são aquelas que envolvem tristeza. Alegrias efêmeras que se vão da mesma forma fugaz com que vêm e que dependem de causas externas para acontecerem. E que, por isso mesmo, recaem sobre o seu oposto. Uma vez que a perda da causa externa que gerava potência pode desencadear o afeto triste. Exemplos não faltam para elucidar tal ideia reguladora: os *likes* nas redes sociais; ressacas após uso abusivo de álcool ou outras drogas; uma paixão não correspondida; o gozo com o ato de consumir determinada mercadoria, dentre tantas outras.

A recorrência desses processos é desencadeadora de tristeza. E essa tristeza, por sua vez, *pode* ser boa, se o processo resultante dela for ação. Note-se o grifo ao verbo. Pois se dessa situação houver um esforço do corpo para afastar o afeto que diminui a potência de vida, a compreensão das suas causas passa a ser iniciada. Importa salientar, além do mais, que a tristeza apenas pode ser útil quando ela se origina de alegrias prévias. Ou seja, de afetos unicamente tristes não se compõem potências, mas apenas mais e mais padecimento. Concluimos, portanto, que “A alegria passiva é o afeto transformador. Na medida em que envolve tristeza, ela nos leva a questionar a própria alegria vivida, porque a tristeza mostra os limites da alegria, as promessas que ela é incapaz de cumprir” (PAULA, 2009, p.16).

As alegrias ativas, por sua vez, podem ser concebidas enquanto um processo de autonomia, no qual as causas do afeto são produzidas inteiramente por aquele que o sente e não dependem, desse modo, de causas exteriores. Trata-se de uma alegria mais duradoura e poderosa, que permite a expansão do viver.

Podemos dizer, se sou a causa interna da alegria esta alegria é ativa: um efeito produzido em mim e que pode ser conhecido apenas pela minha própria natureza; mas se sou dela apenas causa parcial, ela é passiva: um efeito produzido em mim e que, para ser conhecido, exige o conhecimento de outras causas, exteriores a mim. (PAULA, 2009, p. 47-48).

Diante dessas breves considerações, retomamos que, sejam ativos ou passivos, a luta humana pela existência traçará o caminho dos afetos alegres, úteis, que nos levam a existir e agir. Pois, enquanto modos finitos, estamos destinados a perseverar na existência. Com base na perspectiva filosófica aqui adotada e que sustenta a abordagem sócio-histórica da psicologia no que tange aos afetos, nenhum ser humano busca a morte, mas o aumento do *conatus*, a existência própria. E esse esforço por permanecermos vivos, ou seja, a potência de agir do corpo e de pensar da mente é viável somente por meio de afetos alegres. Enquanto alegrias passivas, consideramos aquelas pequenas euforias cotidianas, percíveis, que aumentam momentaneamente os *conatus*. Geralmente associadas a causas externas. Por sua vez, alegrias ativas dão o tom da maior perfeição (ou realidade) de permanecer na existência por meio da necessidade mesma do existir, criar, agir. Causa de si mesma, a alegria ativa é o afeto mais poderoso, por excelência. Ainda, mesmo que passivas, as alegrias interessam mais ao processo de estar no mundo do que as tristezas, pois dão o alicerce da continuação do viver.

Podemos, com base nesses construtos, continuar então a contar as histórias das ruas, enfocando de que modo nossos princípios metodológicos contribuíram com este olhar. Além das virtudes da cautela e da escuta ético-política, já discutidas acima, foi trabalhado também com o que categorizamos como identificação de campos de sensibilidade para os afetos alegres. Esses princípios foram orientadores do caminhar nas ruas, por não terem sido pré-estabelecidas ações no trabalho com essa população. Era preciso, inicialmente, conhecer desde dentro. Seguimos, portanto, com os retratos dos espaços.

A Ocupação Alcântara Machado—também conhecida como espaço sociocultural Tia Estela, em homenagem a uma mulher que morou, lutou e morreu no local pelo direito de viver debaixo de um viaduto. Esse espaço, situado na região do Brás tem sua origem durante a gestão do governo Kassab (2006-2012), nas chamadas Tendas. Lugares que compreendiam uma mínima estrutura para cuidados básicos de higiene de modo que pessoas em situação de rua pudessem passar o dia. Durante a gestão desse equipamento, grande parte dos funcionários contratados pertencia a um coletivo de militantes, o CATSO (Coletivo Autônomo dos Trabalhadores Sociais) e começaram, junto aos frequentadores do espaço, a organizar um movimento de autogestão e organização no cotidiano desse serviço. Quando da desativação das tendas, já na gestão de Fernando Haddad, em 2015, a ação já estava tão bem estruturada, que a ocupação tinha ganhado vida. Os moradores resistiram (e resistem ainda hoje) para ficar no espaço. E, até o momento, vem tendo êxito na luta, que, inclusive, ganha fôlego, novos projetos e iniciativas potentes a cada dia. É fundamental sinalizar ainda que aqui o poder público é percebido como rival, não havendo parcerias políticas com o município.

Cheguei à Alcântara em 2017, tendo aprendido algo com as virtudes da cautela, e com a escuta ético-política, passei a conhecer vagarosamente o trabalho, a luta, as histórias das mulheres que lá viviam. Nesse ínterim conheci a luta com AMOR, que foi o projeto que mais possibilitou o vínculo nesse cenário. AMOR, nesse caso, é não apenas um afeto, mas uma sigla que indica: Artesanato das Mulheres Organizadas na Rua. Foi nesse grupo de artesanato que formamos um espaço de encontros potentes, duradouros e onde pude identificar outro princípio metodológico trabalhado na pesquisa que foi a identificação de campos de sensibilidade. Essa prática consistia, principalmente, em proporcionar às mulheres da ocupação um momento em que elas pudessem estar juntas, falar de seus desejos, de suas brigas, de seus amores. E como foi rico... O artesanato foia via que conseguimos para que esses encontros fossem possíveis, mas não era o centro da ação. Por meio desses momentos pudemos organizar outros eventos, narrados com detalhes na pesquisa, como os chás de bebês coletivos para as gestantes, oficinas de teatro do oprimido, dia das crianças, ceias de natal. Foi nesses eventos, pontuais e também nos corriqueiros, que os campos de sensibilidade para os afetos se abriram. Onde se puderam investigar as relações entre as mulheres: com elas mesmas, com seus parceiros, com as suas histórias específicas, com suas histórias comuns. Desse processo revelaram-se não somente histórias tristes e de violência, mas também de vínculos, de amizade, de alegrias. Como contamos a seguir em um dos diários de campo registrados na pesquisa³:

Hoje cheguei ao viaduto às 17 horas, um pouco mais cedo do que de costume. Fui chamar as mulheres para participar da luta com AMOR. Bruna logo disse que não iria participar, pois não estava se sentindo bem, estava com asma. Depois fui até a ocupação vizinha, onde houve um incêndio há menos de um mês para chamar as mulheres de lá também. Convidei várias, a maior parte disse que não iria, pois estava com as crianças e não tinha como deixar. Disse para levar as crianças também que a gente se ajudava lá.

Arrumei o espaço como de costume, pensando nas “virtudes da cautela”, na importância de permanecer, de insistir. Logo chegou Mariana, com seu filho de dois anos. Ela está grávida de quatro meses, disse que não estava se sentindo muito bem, que tem tido bastante enjoo, mas estava ali, esperando a oficina começar. Ela tinha ido ao posto de saúde neste dia para fazer o pré-natal. Ficamos conversando sobre a gravidez, que ela disse ser de risco porque seu útero está muito baixo. Ela diz que às vezes passa o dia todo deitado, mas que seu filho muitas vezes sobre em sua barriga, e ele está grande e gordinho. Percebo também que

³No total somaram-se mais de 150 diários registrados durante o pesquisar.

Mariana é muito forte, fisicamente mesmo. No dia em que fomos à Secretaria Municipal de Assistência e Desenvolvimento Social (SMADS), ela voltou o caminho todo andando, e é uma distância de uns 40 minutos de caminhada, andando, grávida, e empurrando o carrinho de Frederico. Neste dia, ela me ajudou a carregar a mesa para fazer os artesanatos, uma mesa pesada.

Enquanto estávamos trabalhando, chegou no salão Carla com seus filhos, um bebê no carrinho e Amanda, que logo veio me dar um abraço enorme. Foi uma alegria encontrar aquela família ali, ver que a menina cresceu muito rápido, que ainda se lembra de mim e das oficinas, que o bebê vai bem, e a mãe também, está mais bonita, inclusive. Elas estão morando ali perto, e disseram que virão mais vezes para participar dos nossos encontros.

Aos poucos chegaram mais pessoas para participar das oficinas, contamos ao final com umas seis mulheres. Bia chegou, ficamos conversando sobre as questões escolares de seus filhos durante um tempo. Ela relatou que a diretora da escola entrou em contato com ela para reclamar de seu filho mais velho. E que durante a conversa, a diretora se queixou de que Marley fica com uma toca cobrindo parte dos olhos durante a aula, e que não está frio para ele ficar assim, e ainda que desse jeito ele fica parecendo um maloqueiro. O que chama a atenção é que o menino é um maloqueiro literalmente, pois ele mora em uma maloca⁴, perto de muitas outras. “E qual é o problema?” Bia pergunta. A questão aqui é o julgamento que a diretora tem de um lugar ao qual ela não pertence. Ser maloqueiro nesse contexto é uma realidade que não determina as atitudes do menino. Foram boas reflexões que tivemos sobre esse assunto esse dia, nós duas e conseqüentemente as que estavam ali juntas, conversando, escutando.

Muitas crianças chegam junto das oficinas, evidente, por ser um lugar onde tem cor, tinta, arte. Porém em alguns momentos fica muito complicado administrar tudo: ensinar as técnicas, brincar com as crianças para que elas não atrapalhem os trabalhos das mães, estimular diálogos, organizar o espaço. Alguns rapazes da ocupação brincam um pouco com as crianças, mas não ficam muito tempo. Outros homens ajudam, e isso faz uma diferença imensa, a organizar o espaço, carregar cadeiras e mesas, limpar a bagunça que fica. Ao final da oficina, um menino chegou, ficou ali vendo a gente trabalhar e quis fazer um Olho de Deus, ensinei-o rapidamente, uma vez que tinham outras demandas no momento. Ele aprendeu, e quis fazer outra, ajudei-o, no final ficamos só eu e ele, o menino ficou muito feliz de ter aprendido uma nova arte, levou seus trabalhos para casa, todo orgulhoso, dizendo que no dia seguinte

⁴Apesar de o termo ser de origem indígena, maloca é a palavra utilizada para se referir aos barracos construídos nas ruas, de forma precária, debaixo de viadutos pelo povo pobre.

iria levar para a escola e mostrar aos colegas e à professora. Volto para casa com um pouco dessa alegria e do sorriso bonito do menino.

Esse diário vai revelando a complexidade das experiências e das relações presentes no espaço da ocupação: a força de Mariana, uma mulher grávida, com uma criança de dois anos de idade e que participa das oficinas, vai à SMADS carregando um bebê no carrinho e outro no ventre para lutar pelo seu direito de continuar vivendo debaixo de um viaduto. A beleza que um pouco de cor e arte vai trazendo para o espaço, para as crianças, para as mulheres. Um lugar para sentar e conversar, se entreter, falar de suas dores, de suas brigas, e de suas pequenas ou grandes alegrias. Sinalizando, assim, que mesmo vivenciando a precariedade, o desejo pela potência também está presente. Nesse sentido, reiteramos que:

É preciso cuidado para não banalizar o sofrimento do pobre e do excluído gerado pelo bloqueio de sua capacidade de expandir a vida. Eles são vistos como pessoas sem necessidades “elevadas”, presos apenas à sobrevivência biológica, sem direito a “sutilezas emocionais” nem à cultura e ao lazer, considerados supérfluos. (SAWAIA, 2003, p. 57).

O desejo por expandir a vida, perseverar na existência e aumentar o *conatus* está presente entre quem vive a situação de rua. Claro, a luta por moradia é tão necessária quanto urgente. Pois sem ela não há corpo que permaneça vivo. Porém, abrigar-se, nesse sentido, tem como intuito não apenas guardar o corpo, mas expandi-lo. Para o entrelaçamento das histórias continuamos a contar o caminho percorrido, agora no CISARTE.

O Centro de Inclusão pela Arte, Cultura, Trabalho e Educação funciona desde 2005 e é a atual sede do Movimento Nacional da População em Situação de Rua em São Paulo. Esse espaço, diferente da ocupação, caminha junto ao município, tem o propósito de estimular a participação de pessoas em situação de rua em projetos de lei, decretos, comitês e conferências. Cheguei ao CISARTE em 2017, participando inicialmente das discussões e das oficinas disponibilizadas no espaço. Aos poucos, fui me envolvendo com algumas mulheres até o momento em que uma delas me propôs de formarmos uma roda para tratar de assuntos que envolviam o corpo feminino na rua.

Desta feita, passamos a nos mobilizar e criamos o grupo “Fala Mulher”, realizado semanalmente e composto por algumas das que já participavam do movimento. Dentre elas, Cecília, que é uma grande aliada desta luta e que me guiou nesse caminho trazendo sua experiência, seus aprendizados e sua vontade infinita de mudança das ruínas a que chegam as mulheres nas ruas. Nossos encontros se iniciaram em fevereiro de 2018 e resistiram até março de 2020. Digo resistiram, pois não foram poucos os desafios para manter esse espaço. Tivemos

dias em que havia 10 mulheres, e outros nos quais tinham apenas duas ou três. E, invariavelmente, Cecília participou de todos eles. Acredito ser de fundamental importância, nesse momento, anunciar que encontrávamos entraves dentro do próprio movimento para que nosso grupo se fortalecesse. Cito, por exemplo, dias em que chegamos ao espaço e encontramos o portão cadeado.

O CISARTE, apesar da proposta muito bem articulada e projetada como um espaço de formação política e educacional para a população em situação de rua apresenta uma série de questões que atravancam os trabalhos realizados no espaço. Além de muitas queixas ouvidas por parte das mulheres de poucos espaços de fala. Essas confidências apenas se tornaram possíveis devido aos laços afetivos que construímos entre nós. E por isso, pela força de nossos vínculos, foi que conseguimos manter esses encontros por dois anos. Hoje, ainda temos um grupo no *whatsapp* onde conversamos sobre os infortúnios e as potências das mulheres nas ruas.

Apresentados os territórios e os princípios metodológicos empregados para transitar neles, fica claro o valor que o afeto teve (e tem) para a construção desta luta. Dessas experiências, do contato com as mulheres nos diferentes territórios e movimentos, foram elencadas quatro unidades de sentido onde podemos visualizar também como e por que Espinosa e os afetos de alegria são prementes no caminho das ruas.

As unidades de sentido – Resultados e Discussão

As unidades que sintetizaram as experiências vividas e registradas em diários de campo com as mulheres foram as seguintes: 1- as políticas públicas; 2- os dilemas da família; 3- as rivalidades entre as próprias mulheres e entre seus companheiros; e 4- a alegria.

Tocar no tema das políticas públicas voltadas à população em situação de rua é tarefa delicada, porém inevitável nesse trabalho. Num primeiro momento importa avisar aos possíveis leitores que essa análise foi realizada desde uma perspectiva crítica. Pois teve a experiência vivida como fonte de informações nesse terreno. Desse modo, corroboraram com a escrita os estudos realizados por Pereira (2013) a respeito de como a proteção social se efetiva (deficientemente) no país. Voltada a interesses econômicos muito mais do que ao exercício de cumprir a função do Estado de proteção de um grande contingente populacional que vê seus direitos sendo diluídos e escorregando por entre os dedos dos donos do dinheiro. Diante desse cenário, não é de se admirar que quase todas as pessoas respondam negativamente ao serem perguntadas a respeito do desejo de ir para um Centro de Acolhida oferecido pelo município.

Há muitos atravessamentos que envolvem a gestão de equipamentos públicos para a população em situação de rua em São Paulo, e isso vai gerando uma precarização dos serviços que, ao invés de acolherem, oprimem e violam os direitos de mulheres e de homens. Não são poucas as denúncias ouvidas: preconceito; lógica carcerária de abertura e fechamento; falta de apoio para a busca de emprego; abusos; mesquinha na distribuição de alimentos e itens de higiene. Ressalta-se que essa unidade, não por acaso, foi a que menos deu espaço para os afetos alegres. Apesar de todas essas iniquidades, é necessário afirmar que o objetivo aqui não é desconsiderar a necessidade de políticas públicas de proteção social para população em situação de rua. Mas, pelo contrário, lutar para que em algum momento da história elas deixem de favorecer aos interesses da classe dominante em detrimento da garantia de direitos do povo pobre desse país. Para que espaços destinados a acolher a população possam ser geridos de modo a enfatizar a afetividade nas relações, a exemplo da ocupação Alcântara Machado, onde as pessoas são respeitadas na sua singularidade, como aponta Maria em entrevista realizada em 2019 e disponível no YouTube⁵:

Agora vamos no ponto X: Alcântara Machado, a única tenda que ficou em pé até agora, a única tenda que apoia algumas pessoas que dormem aqui por não quererem alugar, principalmente os CTAs porque são uma porcaria, eu sei disso. O que eu tenho pra dizer sobre a Alcântara mesmo: deixa as portas abertas pessoal, vocês não vão perder e nem ganhar, os governantes. Aqui tem como tomar um banho, lavar uma camiseta. Tem muitos que trabalham, como você diz 'vagabundos' né. Mas não são. É só vocês abrir os olhos. E tá aqui a Alcântara, resistindo cinco anos. Cinco anos de luta, porque precisa. É um espaço convidativo, é um espaço que senta, dá pra dar um descanso. Não precisa ficar o dia inteiro rodando feito barata tonta.

- Qual que é a diferença desse lugar pra outros lugares da prefeitura?

- O amor. Porque desde o começo que eu tô aqui teve uma equipe que não olhou pra mim como um número, olhou a Maria, não olhou o número, olhou o ser humano que a gente é.

O depoimento revela a importância de se considerar a afetividade no âmbito das políticas públicas. O valor atribuído ao trabalho quando as pessoas que atuam junto com os moradores de rua enxergam-nos como seres humanos, e não como números, como ocorre nos

⁵Link disponível em: <https://www.youtube.com/watch?v=HhT71EA5Hhw&t=6s>.

abrigo. É com base em atuações como essas que podemos vislumbrar uma sociedade menos hostil para pessoas que têm seu direito à moradia violado. É nesse sentido que a alegria se mostra um afeto poderoso nessa luta, ao ver uma ocupação se erguer em meio a escombros, proporcionando àqueles que ficariam totalmente ao relento, a permissão para perseverar na existência com dignidade.

Os dilemas da família na rua – A família foi outro tema recorrente no trabalho com as mulheres. Aqui nos deparamos com elementos centrais nessa discussão que foram: a maternidade, a destituição do poder familiar das mães de rua e a violência doméstica pregressa.

Para começar a tocar nesse assunto, acredito ser de suma relevância apontar que o último censo realizado em São Paulo (2019) contou 24.344 pessoas morando nas ruas. Sendo 15% dessa população composta por mulheres. Por que um número tão menor comparado ao dos homens? Não é tão difícil responder à questão. O dado contém indícios de uma estrutura social que outorga às mulheres o espaço doméstico, o cuidado com a família. Não que estar em situação de rua seja um privilégio, mas observemos que até pra chegar nesse lugar, elas são tolhidas. Quando uma mulher chega na situação de rua “ela chega morta”. Como disseram algumas delas. Porque tiveram que deixar seus filhos; ou porque tiveram que trazer os filhos junto com elas para as ruas. À mulher, a situação ameaça muito mais que ao homem. Elas estão sujeitas ao dobro de violências. De quantas delas já não ouvi que acabaram ficando com um parceiro (masculino) para se proteger de serem abusadas, violentadas por outros homens. Mesmo que esse mesmo parceiro a agrida de muitas e diferentes maneiras também. É infinita a rede de violências que a mulher na situação de rua sofre. E a família entra para sua vida como uma forma de proteção, cuidado e sentido. Por isso é muito comum, por exemplo, que elas tenham muitos filhos (8, 9 10)... Mesmo que muitas vezes não saibam o paradeiro dos pais velhos. Porque a gestação e a maternidade acabam trazendo para elas um pouco mais de reconhecimento e de visibilidade. A mulher solteira, sozinha na rua, é tratada como o pior dos objetos. Mas a gestante, a mãe, com família e filhos já tem outro tratamento. Muitas vezes é apenas por meio de um filho que a mulher consegue encontrar um pouco de alegria nesse contexto. Mas, infelizmente, apontamos ainda que, em alguns casos, o direito de exercer a maternidade é tirado dessa mãe na rua. Geralmente essa ação ocorre quando a mulher está em uma situação abusiva de álcool e outras drogas, e o judiciário decide que ela não terá condições de cuidar da criança que pariu. Soma-se a todo esse conjunto de forças coercivas exercidas sobre o corpo feminino, a violência doméstica pregressa que é, muitas vezes, o motivo pelo qual a mulher vai, ironicamente, buscar “proteção” nas ruas, nas ocupações. Como revelam cenas vividas e registradas nos diários de campo quando da chegada de uma mulher

sufrendo violência doméstica que foi acolhida pelas outras da Alcântara Machado. Como é o caso de Cecília, que após lhe ter sido negado acolhimento por parte do Estado, foi encontrar proteção também em meio às calçadas da cidade, junto a outras mulheres em situação de rua. Aqui, apesar das atrocidades, foi importante olhar para essa rede de afetos úteis, construídos no coletivo, debaixo dos viadutos, como forma de prolongar a existência dessas mulheres.

Gênero e patriarcado– Nessa unidade de sentido foram analisadas as violências cometidas entre as próprias mulheres em forma de competição, disputas por bens materiais, pela educação de seus filhos. E, principalmente, por homens. Ser escolhida e chamar a atenção dos homens as coloca numa posição de vulnerabilidade e cotidianas rivalidades. A outra é quase sempre vista como inimiga, “recalcada”, e outros adjetivos que situam a suposta concorrente num lugar de ameaça. Nesse momento, é imprescindível ressaltar que essa lógica de disputas e inimizades não é restrita às mulheres em situação de rua. Pelo contrário, trata-se de um conjunto de práticas, ideologias e modos de ser que se constituem ao longo da história ocidental e que contribuem com a manutenção de uma estrutura social patriarcal, opressora e que tem por objetivo controlar e dominar o corpo da mulher. Em todas as classes sociais. Na rua, porém, a força dessa estratégia de controle fica mais acentuada. Onde tudo falta, o pouco que se tem pode se tornar motivo de disputa.

Ainda, a violência dos homens contra suas companheiras também foi registrada nessa unidade de sentido. Não raros são os relatos a respeito de violência física, psicológica que sofrem de seus companheiros. O que essa unidade de sentido revela é que há um estado de adoecimento geral, de homens e de mulheres. Pouco adianta um trabalho que se volte apenas para um lado dessa história. Os homens também precisam de cuidado. Caso contrário, irão repetir a mesma conduta com outras. E o ciclo não se encerra.

Por isso, a importância dos momentos em que pudemos sentar nos grupos e conversar sobre essas pautas, fazermos oficinas de teatro do oprimido, rodas de conversa e chás de bebês. Pois nessas atividades o que se observou foi não somente disputa, mas uma força de reconhecimento de sua história na história da outra “Pois é, mana, você fala pra mim olhando pro espelho”. Como afirmou Regina num grupo. Ou seja, apesar das disparidades e profundas rivalidades, é notória também a força para romper, no cotidiano, com esse paradigma que as divide. A necessidade da soma das forças não passa despercebida. Como no relato de Alice, quando ela se une com outras amigas suas, numa vaquinha, “pelo direito de comer um brigadeiro”. Para quem está na rua, isso não é pouca coisa... O brigadeiro simboliza um deleite que não é acessível a pessoas em situação de rua, a pessoas pobres. E quando as mulheres se

juntam para ratear o custo de uma lata de leite condensado e chocolate em pó, elas estão buscando uma maneira de oferecer, umas às outras, um afeto alegre (e doce).

Considerações finais

Por meio desta reflexão chegamos ao ponto auge do trabalho, que é o caminho da alegria. Como já colocado, falamos de afeto claramente baseadas na filosofia de Espinosa, segundo o qual afeto é tudo aquilo que movimenta o corpo e a mente para mais ou para menos. Na trama das afecções no qual o corpo está imerso, a sua potência de agir pode ser aumentada ou diminuída, assim como as ideias dessas afecções. Os afetos alegres são considerados, desta maneira, o aumento da potência de agir do corpo e de pensar da mente. Mas, como já sinalizado, para o filósofo, alegria e tristeza são afetos bastante complexos. Importa retomar que existem alegrias ativas, alegrias passivas, alegrias que afetam o corpo em partes e aquelas que afetam com igualdade corpo e mente de indivíduos e de coletivos. E toda essa trama afetiva nos orientou na análise dos dados trazidos da pesquisa.

Como exemplo de uma alegria poderosa, é oportuno citar um dia em que houve um incêndio na ocupação Alcântara Machado. As pessoas passaram esta madrugada em claro e como não tinham ainda tomado café da manhã, fomos até uma padaria próxima. Chegando lá, prontamente pensei que nós iríamos tomar nosso café ali, comer um pão de queijo, falar sobre a situação e voltar. Mas não. Fui ao banheiro rapidamente e quando voltei, elas estavam comprando, com o pouco dinheiro que tínhamos, o máximo de pães que conseguiram, algumas mortadelas e refrigerante para levar e compartilhar com quem mais desse. Observei esse movimento, percebendo a noção do coletivo ali entre elas, entre as mulheres que vivem e resistem na ocupação. Onde, em meio aos escombros e às cinzas, elas prezam por alimentar os moradores que haviam ficado desabrigados. Nessa ocasião forma-se, ademais, um grupo de mulheres sentadas ali no chão, que começam a conversar sobre maternidade, vida, morte e amor. Momento potente que denota a força de afetos que compõem os corpos que compartilham a experiência de terem um viaduto como moradia e de perderem todos os seus pertences da noite para o dia. Movimento de aumento de potência vivido no coletivo.

Ou ainda, o diário de campo trazido para o corpo do presente texto, onde vemos Mariana participando das oficinas, pintando, lutando para continuar a cuidar dos filhos. Também o sorriso de uma criança que aprende a fazer um artesanato e o leva para a escola no dia seguinte. O desejo coletivo pelo direito de comer um brigadeiro. Ademais, como trazido no início, a forma como elas cuidam de seus barracos construídos debaixo dos viadutos. O zelo estético, a reivindicação pela beleza quando escolhem doações de roupas e pedem esmaltes e

batons para se arrumarem. Sentimentos e comportamentos que puderam ser elencados como afetos alegres viabilizados pelos pressupostos metodológicos trabalhados no campo e explanados ao longo do presente texto.

Diante da exposição, fica a pergunta: como falar em alegria no meio da rua? Diria, no entanto, mais: Como não falar em alegria? Como esquecê-la e viver sem ela num cenário tão devastador? Ali, onde há luta pela vida digna, e não somente pela sobrevivência e contra a escassez de recursos materiais. Falar em alegria aqui é falar da dignidade ontológica do modo humano, que não luta apenas para sobreviver, mas para afetar e ser afetado de modo a expandir o seu *conatus*.

Referências

COROTE e MOLOTOV. A casa de quem não tem casa: espaço de convivência Tia Estela/ Maloca Alcântara Machado. [Vídeo]. São Paulo, 2009. Disponível em <https://www.youtube.com/watch?v=HhT71EA5Hhw&t=6s> Acesso em 13 nov. 2021.

ESPINOSA, Baruch. *Ética*. Belo horizonte: Autentica, 2010.

HILMANN, J. As virtudes da cautela: um apelo ao despertar de nossas respostas estéticas. Margem, São Paulo, 2002. Disponível em <https://www.pucsp.br/margem/pdf/m15jh.pdf>. Acesso em 10 out 2021.

MARTINS, R. C. A escuta ético-política na rua. Dissertação (Mestrado em Psicologia) - Pontifícia Universidade Católica de São Paulo, São Paulo, 2016. Disponível em <https://tede2.pucsp.br/handle/handle/17139> Acesso em 15 nov 2021.

PEREIRA, P. Proteção Social no Capitalismo. Crítica a teorias e ideologias conflitantes. Tese (Doutorado em Política Social)—Universidade de Brasília, Brasília, 2013. Disponível em <https://repositorio.unb.br/handle/10482/15153> Acesso em 10 mar. 2021.

SÃO PAULO. Censo população em situação de rua, 2019. Centro de Pesquisa e Memória Técnica. Secretaria de Assistência e Desenvolvimento Social. Disponível em <http://www.capital.sp.gov.br/noticia/prefeitura-de-sao-paulo-divulga-censo-da-populacao-em-situacao-de-rua-2019> Acesso em 12 nov. 2021.

SAWAIA, Bader. O Sofrimento Ético-político como categoria de análise da dialética exclusão/inclusão. In SAWAIA, Bader Burihan (org.). *As artimanhas da Exclusão: Análise psicossocial e ética da desigualdade social*. Petrópolis, RJ: Vozes, 2001.

SAWAIA, Bader. Fome de felicidade e liberdade. In CENPEC. *Muitos Lugares para aprender*. São Paulo: CENPEC/ FUNDAÇÃO ITAÚ/ UNICEF, 2003. p. 53-63.

VIGOTSKI. Lev. *Teoria de las emociones*. Estudio histórico-psicológico. Ediciones Tres Cantos Madrid-Espanha. AKAL, S.A. 2004.